

O comércio de água virtual

A adoção de políticas públicas conducentes a uma maior racionalização dos recursos hídricos, bem como a substituição de culturas ou o *trade-off* entre produção e importação, estarão cada vez mais presentes na gestão futura da água.

Por Filipe Almeida de Carvalho

De toda a água existente na superfície terrestre, apenas 2,53 por cento corresponde a água doce que poderá ser utilizada pela população mundial. O restante é água do mar.

Face a este constrangimento, nos últimos Fóruns Mundiais da Água tem vindo a ser utilizado por um número cada vez maior de governos e organizações internacionais, o conceito de água escondida ou virtual, que consiste na quantidade de água necessária para produzir um determinado bem.

Segundo levantamentos do Conselho Mundial da Água, para se produzir um quilo de arroz, são necessários mil litros de água, ou para se obter um quilo de carne serão necessários 13 mil litros de água, ou seja, qualquer bem tem subjacente na sua produção uma quantidade de água que é possível quantificar.

Os Estados Unidos encabeçam a lista dos maiores exportadores de água virtual, vendendo anualmente cerca de 164 milhões de metros cúbicos. Foi defendido no último Fórum Mundial, em Quioto (Japão), que os governos devam começar a ter em consideração a quantidade de água virtual existente nas suas importações e exportações, de forma a calcular o seu verdadeiro gasto de água.

De acordo com estimativas apresentadas por Arjen Hoekstra (um dos principais especialistas internacionais na matéria), «quase 20 por cento da água mundialmente consumida na agricultura é comercializada com outros países sob a forma de produtos derivados das mercadorias agrícolas. É um volume enorme de água, uma vez que todos os anos quase 5 triliões de metros cúbicos

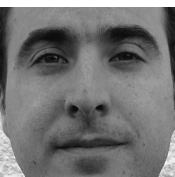
de água são utilizados na agricultura e perto de 1 trilião de alguma forma vai parar no comércio entre nações.»

Esta questão assume particular importância quando falamos de países que se encontram já em situação de défice de reservas aquíferas ou em situação de eminência. Países do Norte de África e Médio Oriente (a braços com disputas ancestrais relacionadas com a posse de água) tenderão a ponderar cada vez mais entre a importação ou a produção de certos produtos.

Apesar da escassez deste bem, na maioria destes países a água utilizada na agricultura (juntamente com a pecuária, são responsáveis por 70 por cento do consumo mundial) é ainda gratuita, sendo que, e temendo tensões sociais, nenhum governo estará disponível para começar a cobrar o preço real da água. Assim, e enquanto se tenta implementar uma fase de transição, assente em práticas que promovam uma maior eficiente utilização deste bem, o comércio de água virtual permitirá a estes países ganhar tempo e evitar tensões sociais associados a uma transição difícil.

A adoção de políticas públicas conducentes a uma maior racionalização dos recursos hídricos, bem como a substituição de culturas ou o *trade-off* entre produção e importação estarão cada vez mais presentes na gestão futura deste bem escasso. ★

(Texto recebido pela CTOC em Setembro de 2005)



Filipe Almeida de Carvalho

- Economista
- Consultor
- TOC nº 44 861

Fontes

3.º Fórum Mundial da Água - Quioto
Conselho Mundial da Água